

**CAPOEIRAGEM NO RIO DE JANEIRO,
SINHOZINHO & RUDOLF HERMANNY
ANDRÉ LUIZ LACÉ LOPES**

DUAS PALAVRAS POR CARLSON GRACIE

***“A minha primeira luta foi com o ‘Capoeira’,
um dos caras mais fortes do Rio.” ****

André Lacé aprendeu capoeira com o saudoso Neyder (Neyder de Oliveira Alves de Souza), um grande capoeirista, lutador desassombrado, sempre bem humorado e meu amigo pessoal. Seria uma injustiça muito grande não incluí-lo na História da Capoeiragem do Rio de Janeiro, daí minha satisfação ao vê-lo citado e retratado no livro “A Volta do Mundo da Capoeira”.

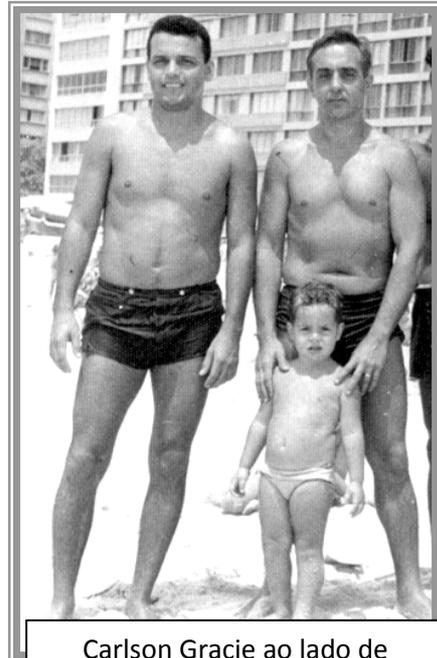
Livro este que recebi de presente do autor, André Lacé, juntamente com um convite para escrever algumas linhas no seu novo trabalho onde mergulha, ainda mais fundo, na capoeiragem do Rio de Janeiro de algum tempo atrás, desta vez, focalizando, especialmente, as figuras de Zuma Burlamaqui, Inezil Penna Marinho, Sinhozinho e Rudolf Hermann. Alguns outros capoeiristas são também lembrados, inclusive Luiz Aguiar (Cirandinha) com quem tive oportunidade de lutar e Artur Emídio de Oliveira que lutou com o meu irmão Robson Gracie.

Saímos, eu e Robson, vencedores desses dois combates. Daí não ter entendido, inicialmente, a razão do convite formulado pelo André.

- “A Capoeira está crescendo muito, tomando conta do mundo, mas, ao mesmo tempo, está perdendo qualidade na sua prática como luta marcial, o que há é mais pirotecnia” – argumentou André Lacé. E continuou: “existe uma capoeira moderna, estilizada, que se vende como *luta braba*, mas, na prática, foge de todo combate sério escondendo-se em apresentações pseudo-folclóricas, sempre em palco, e sempre em conjunto com maculelê, puxada de rede etc”.

Tenho corrido o mundo com o jiu-jítsu e sou testemunha do crescente sucesso da capoeira no exterior. Até no Japão...

Concordo, portanto, com as afirmações iniciais de André. Também concordo em relação à análise da capoeira como luta de combate, pois, entendo que a Capoeira atualmente é, acima de tudo, um belo espetáculo de palco. Até porque a associação com o berimbau e demais instrumentos – incomum na capoeira do Rio Antigo – resultou num espetáculo único, cada vez mais aplaudido no mundo inteiro.



Carlson Gracie ao lado de
Neyder Alves.
Copacabana, Rio, 1962.

Para retomar sua feição de luta plena, como já defendia Zuma Burlamaqui no início do século passado, seria (será) necessário retomar os treinos e os confrontos sem berimbau. Ocorre que o berimbau está tão indissolúvelmente ligado à capoeira de hoje que, entendo eu, não será tarefa fácil partir para este tipo de treinamento e confrontos. Até porque as lutas marciais, especialmente com o surgimento de eventos do tipo “ultimate fighting” evoluíram e continuam evoluindo muito.

Feitas essas considerações iniciais, passo a fazer breves comentários sobre os confrontos entre o jiu-jítsu e a capoeira dos quais participei ou testemunhei. Destacando três desses confrontos: minha luta com Luiz Aguiar (Cirandinha); a luta Rudolf Hermann x Guanair Vial; e a luta Robson Gracie x Artur Emídio.

A luta com Cirandinha foi a principal no evento promovido em 1949, com o objetivo de arrecadar alguma receita para os flagelados do nordeste. Cirandinha era um atleta extremamente forte, talvez por isto não treinasse tanto a sua capoeira como, por exemplo, Rudolf Hermann o fazia. E treinamento intenso, aliado a boa alimentação é fundamental para formar um campeão. Cirandinha tinha talento também, mas, como se sabe, em qualquer esporte, a resistência física, é tão importante quanto. O capoeira que não vencer uma luta nos primeiros minutos, ou melhor, segundos, terá dificuldade de vencê-la mais adiante, pois tenderá a ficar esgotado com tantos saltos e gingas. Foi o que aconteceu, valendo lembrar que na estratégia do jiu-jítsu a situação é quase inversa, pois à medida que o tempo vai passando, sabendo se poupar, o lutador de jiu-jítsu terá cada vez mais chance de finalizar com total êxito.

A luta Rudolf x Guanair, como os jornais destacaram na época, foi surpreendente. Pois, embora ainda conhecendo pouco sobre luta de aproximação (estava apenas iniciando judô na Academia Cordeiro), Hermann, com muita garra e preparo físico, utilizando basicamente a sua capoeira (**estilo Sinhozinho**) sustentou por mais de uma hora seu combate franco e aberto. Combate que acabou empatado, interrompido que foi por motivos de força maior (era época de “apagão” e havia ainda a luta final).

Quanto à luta de meu irmão, Robson Gracie, melhor seria que ele mesmo comentasse. Mas, como fui testemunha, e com ele muito conversei a respeito, ousei dizer algumas palavras. Baiano de Itabuna, exímio capoeirista (capoeira de muita ginga ao som do berimbau), Artur impressionou bem a plateia no início da luta. Entretanto, como já afirmamos, no transcorrer da luta o jiu-jítsu acabou prevalecendo.

Em todos esses confrontos, entretanto, há que se destacar o mérito da tentativa feita pelos capoeiras envolvidos. Ou seja, a única forma de aprimorar a capoeira como luta de verdade... é lutando de verdade. E minha academia, com muito



prazer, apresso-me a dizer, está aberta para todo e qualquer capoeira que queira testar suas habilidades ou – por que não!? – desenvolver um trabalho conjunto.

Sendo justo, para terminar, deixar claro que concordamos com André Lace quando este afirma que “capoeira é muito mais do que uma luta”. Ou seja, o caminho do confronto em ringue estará sempre aberto, mas não será absurdo se a capoeira, ou se alguns capoeiras, optarem por trilhar um caminho próprio. Como é o caso, aliás, da tradicional Capoeira Angola

Academia Carlson Gracie

*Academia: Rua Figueiredo Magalhães nº 414 gr. 302, Copacabana
Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2002*

** Revista Tatame, nº 72, fevereiro de 2002.*

Carlson Gracie dispensa apresentações, trata-se de uma legenda dentro da própria legenda maior chamada Família Gracie. Nasceu no Catete, Rio de Janeiro, num mês de agosto sendo, portanto, um leonino nato. Filho de Carlos e Carmem Gracie, e primeiro sobrinho dos quatro irmãos do pai – Gastão, Oswaldo, George e Hélio – todos professores de jiu-jitsu. Aos 4 anos de idade, orientado pelo seu pai e professor, fez sua primeira exibição.



No Estádio Brasil, “uma espécie de catedral das lutas de boxe no Rio de Janeiro, situado nas proximidades da Santa Casa de Misericórdia”, segundo os registros do meu caro Professor Paulo Roberto Godinho. Aos 16 anos de idade sagrava-se campeão carioca de jiu-jitsu. Foi na modalidade Vale-Tudo, entretanto, anos mais tarde, que Carlson consolidou a sua fama de campeão enfrentando adversários excepcionais como Passarito, Waldemar Santana, Ivan Gomes, Euclides Pereira, Leão de Portugal, Luiz Aguiar Karadagian e outros. Atualmente, Carlson Gracie, além de suas academias no Rio de Janeiro, sempre muito solicitado, presta consultoria aos quatro cantos do mundo.